



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

GILDECI MARQUES NONATO

**COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ARAÇÁ: TERRITÓRIO DE CULTURA,
EXPRESSÃO E RESISTÊNCIA (AFRÂNIO/PE)**

**AFRÂNIO/PE
2025**

GILDECI MARQUES NONATO

**COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ARAÇÁ: TERRITÓRIO DE CULTURA,
EXPRESSÃO E RESISTÊNCIA (AFRÂNIO/PE)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Coordenação do Curso de História, da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador(a): Marta Margarida Andrade Lima

**AFRÂNIO/PE
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecária : Maria Wellita Bezerra dos Santos – CRB-4 1237

N812c Nonato, Gildeci Marques
Comunidade quilombola do Araçá : território de cultura, expressão e
resistência (Afrânio/PE) / Gildeci Marques Nonato. - Recife, 2025.
31f. : il.

Orientador: Marta Margarida Andrade Lima.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Educação a
Distância e Tecnologia - UAEADTEC, Licenciatura em História, Recife,
BR-PE, 2024.

1. Quilombos. 2. Quilombo Sítio Araçá – Afrânio(PE) 3. Cultura 4. Resistência. I.
Lima, Marta Margarida Andrade, orient. II. Título.

CDD 909

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
COLEGIADO DE HISTÓRIA**

**COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ARAÇÁ: TERRITÓRIO DE CULTURA,
EXPRESSÃO E RESISTÊNCIA (AFRÂNIO/PE)**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

GILDECI MARQUES NONATO

APROVADA EM 11/06/2025

BANCA EXAMINADORA:

**Profa. Dra. Marta Margarida Andrade Lima
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
(Orientadora)**

**Dr. Marcos Alesandro Neves dos Santos (UFRPE)
(Colaborador)**

**Profa. Dra. Luciene S. P. da Silva
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
(Examinadora interna)**

Dedico este trabalho aos moradores do Quilombo do Araçá e suas lutas por direitos e por condições de vida.

AGRADECIMENTOS

Meu primeiro agradecimento é aquele que me formou desde o ventre de minha mãe, e que é o sustento fiel da minha alma. Ao **Senhor meu Deus**, toda honra e toda glória por me ajudar a superar os obstáculos encontrados nesse percurso do curso.

Aos meus pais **João Batista Pereira** e **Izabel dos Humildes Marques Pereira**, pelo amor dispensado no processo de minha formação. Ao meu esposo **Izaac Cruz Nonato** e minha filha **Maria Cecília Marques Nonato**, pela paciência e apoio durante o processo de formação.

A professora **Marta Margarida de Andrade Lima**, por conduzir os momentos da produção desse trabalho com suas correções e ensinamentos que me permitiram desenvolver o que estou agora concluindo. Ao **Professor Marcos Alessandro Neves** por ter acompanhado e orientado os primeiros passos dessa trajetória.

Aos professores da **Universidade Federal Rural de Pernambuco**, pelo conhecimento dispensado e pelos conselhos para uma vida inteira.

As tutoras presenciais do **Polo UAB de Afrânio**, professora **Maria Gleiciane Alves Maia** e **Janaynna Goncalves**, pelo incentivo para não desistir do curso.

Ao professor e pesquisador **Enos André de Farias**, pelos esclarecimentos na construção desse trabalho, tirando dúvidas conceituais.

As lideranças Edna da Paixão Santos (**Edna Quilombola**) e Paula Regina Ferreira dos Santos (**Paulinha Quilombola**), pelas informações durante o processo de escrita.

A todos que fazem a **Escola Municipal Agamenon Magalhães**, pelo apoio necessário.

RESUMO

Este estudo tem como foco a comunidade quilombola do Sítio Araçá, situada no município de Afrânio, sertão do estado de Pernambuco. A partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, a pesquisa analisa como se estruturam as formas de resistência, organização social e preservação cultural dessa comunidade. Foram utilizadas como principais fontes as produções de Gomes (2017), Campelo (2022) e Farias (2023), que apresentam diferentes perspectivas sobre o território, desde a vivência direta com os moradores até análises documentais e históricas. O trabalho busca compreender como a população quilombola do Sítio Araçá se identifica enquanto grupo e de que forma mantém viva sua memória, cultura e práticas ancestrais, mesmo diante de desafios como o êxodo rural, a perda de espaços de convivência e o enfraquecimento de tradições culturais. A pesquisa revela que a comunidade permanece ativa na luta por seus direitos, especialmente através da atuação de lideranças locais, que participam de eventos e articulam estratégias de fortalecimento do grupo. Apesar da diminuição de algumas festividades e da falta de maior envolvimento das gerações mais jovens, nota-se um forte sentimento de pertencimento entre os moradores, bem como o esforço coletivo para manter viva a história e identidade do quilombo. O estudo também destaca a importância de políticas públicas e ações educativas que valorizem os saberes tradicionais e contribuam para o reconhecimento das comunidades quilombolas como sujeitos históricos fundamentais para a formação da sociedade brasileira, especialmente no contexto de uma educação comprometida com a diversidade e a equidade.

Palavras-Chave: Quilombolas; Cultura; Resistência; Quilombo Sítio Araçá.

ABSTRACT

This study focuses on the quilombola community of Sítio Araçá, located in the municipality of Afrânio, in the hinterlands of the state of Pernambuco, Brazil. Based on a qualitative and bibliographic approach, the research analyzes how resistance practices, social organization, and cultural preservation are structured within the community. The main sources used were the works of Gomes (2017), Campelo (2022), and Farias (2023), which offer different perspectives on the territory, ranging from direct experiences with local residents to historical and documentary analyses. The study aims to understand how the quilombola population of Sítio Araçá constructs its identity as a group and how it sustains its memory, culture, and ancestral practices despite challenges such as rural exodus, loss of social spaces, and the weakening of cultural traditions. The findings reveal that the community remains active in the struggle for its rights, particularly through the engagement of local leaders who participate in events and develop strategies to strengthen the group. Although some cultural festivities have declined and younger generations show less involvement, there is a strong sense of belonging among residents and a collective effort to preserve their history and identity. The research also highlights the importance of public policies and educational actions that value traditional knowledge and contribute to the recognition of quilombola communities as historical subjects who play a vital role in the formation of Brazilian society, especially within an educational context committed to diversity and equity.

Keywords: Quilombolas; Culture; Resistance; SítioAraçá Quilombo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	A história dos direitos étnico-raciais.....	14
Figura 2	Árvore Araçá.....	23
Figura 3	Samba de roda do sítio Boa Vista.....	27
Figura 4	Reisado Sítio Lago Comprida.....	28
Figura 5	Roda de São Gonçalo.....	28
Figura 6	Trançadeira Afro.....	29

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Documentos analisados sobre a Comunidade Sítio Araçá.....	18
------------------	---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 CAPÍTULO I: OS CAMINHOS DA PESQUISA LEVAM AO SÍTIO ARAÇÁ.....	16
2.1 CONCEITUANDO COMUNIDADE QUILOMBOLA.....	17
3 CAPÍTULO II: PERCURSOS DA PESQUISA.....	20
4 CAPÍTULO III: O QUILOMBO SÍTIO ARAÇÁ.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

As comunidades quilombolas são territórios tiveram formações de resitencia através de fugas de africanos escravizados e seus descendentes que após as fugas organizaram em comunidades, criando um espaço de reconstrução de identidade e lutas ,mais ampla contra diversas formas de opressão. Nesse sentido, ao discutir as relações entre raça, classe e gênero, Ribeiro (2016, p. 20) afirma que “a maneira como a classe é vivida. Nós necessitamos e precisamos perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas”.

Tais dimensões da vida social se entrelaçam e influenciam mutuamente, sendo vivenciadas de maneiras diferentes por pessoas em contextos distintos, o que reforça a importância de uma abordagem interseccional ao tratar da realidade das comunidades quilombolas. Apoiados nos direitos étnico-raciais defendidos pela buscam a proteção de grupos que ainda sofrem discriminação e exclusão no meio social.

É preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber as intersecções entre raça, classe e gênero, de forma a perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras(Davis, 2016, p. 20).

O processo de colonização resultou na escravização de pessoas no continente africano, que por trezentos anos serviram como mão de obra nos engenhos de cana de açúcar e nas fazendas de café; nas cidades realizavam o trabalho de limpeza e venda de produtos em tabuleiros, na maioria das vezes nas calçadas. Nesse contexto, o processo de colonização baseado na escravidão para a produção da monocultura, da mineração e do extrativismo em diferentes regiões do país dominou o Brasil até meados do século XIX.

Na perspectiva do processo civilizatório, segundo Elias (1994), foi a colonização definida como a responsável por transmitir ao indivíduo normas e regras sociais internalizadas pelos comportamentos de ações coercitivas, isso porque os escravizados eram admoestados a partir dos castigos físicos e psicológicos. A esse respeito Costa e Endo (2014) corroboram dizendo que essas violências estruturaram

a base da sociedade brasileira, perpetuando desigualdades raciais que ainda se refletem nas relações sociais contemporâneas.

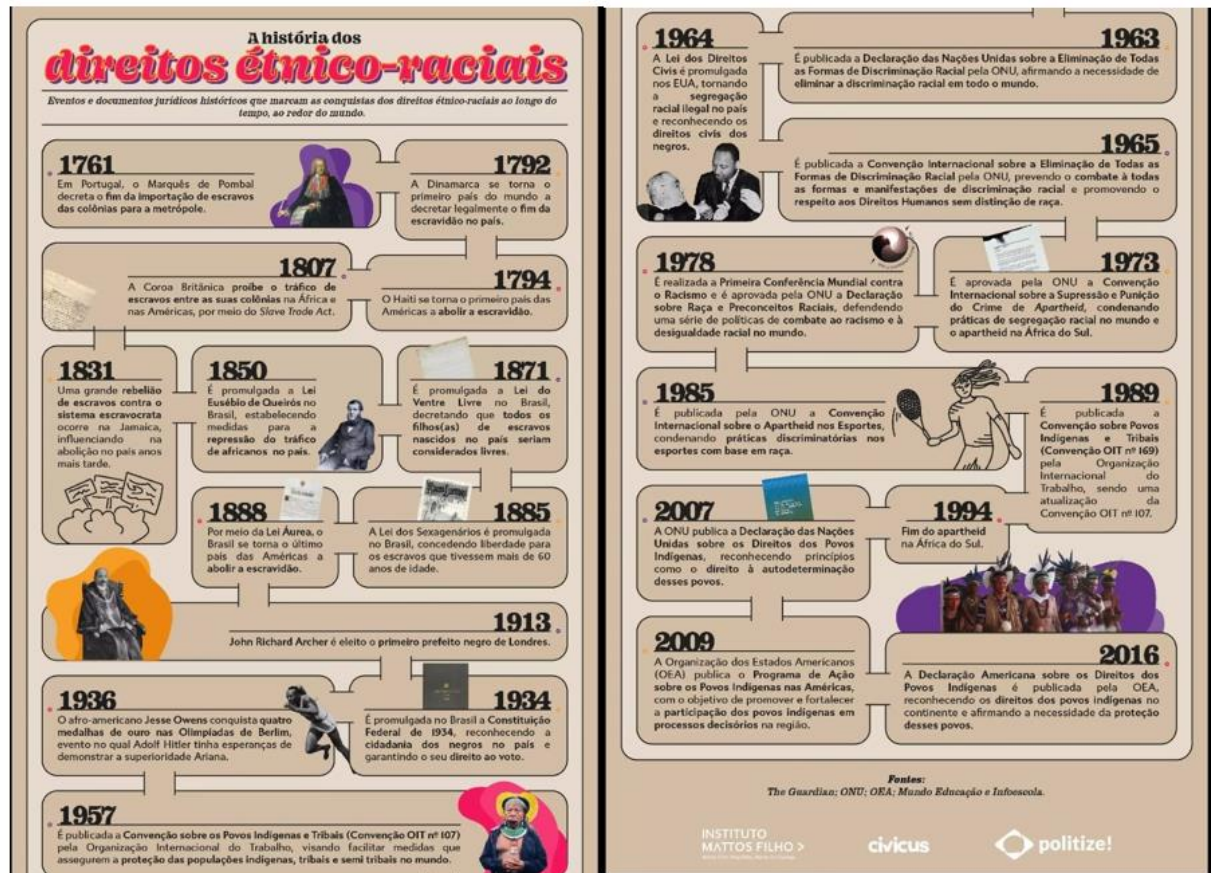
É nesse cenário que se insere a luta das comunidades quilombolas, que resistem historicamente às heranças coloniais e buscam a equidade racial por meio da preservação de seus territórios e culturas. Como observa Davis (2016, p. 20), “raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida. [...] entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas”. Essa perspectiva interseccional permite compreender que a exclusão vivida por essas comunidades não se limita à dimensão econômica, mas envolve também aspectos étnico-raciais e de gênero, reforçando a importância de políticas de reparação e reconhecimento pautadas nos direitos humanos.

O processo civilizador é a operação de transmissão de uma cultura que faz com que as regras e normas sociais, num determinado momento de origem externa, se inscrevam no indivíduo e passem a operar sob a forma de autocontrole. Através do processo civilizador, há uma continuidade entre a estrutura da personalidade e a estrutura social (Costa e Endo, 2014, p. 17).

O processo civilizador foi delineado por Nobeit Elias, sociólogo alemão, como uma representação da mudança do comportamento humano por meio do controle social e do autocontrole. Esse processo é um reflexo da interdependência humana, que surge dentro da própria interdependência social e pode ser gerado através das ações e coerções na teia de dependência mútua da estrutura social, formada pelos indivíduos. O autor busca explicar que essas interações se desenvolvem naturalmente a partir de motivações ligadas à dependência, surgindo das necessidades sociais e culturais como ; costumes ,rotinas ,vícios ,manias que os indivíduos têm de serem cuidados e protegidos desde o seu nascimento (Elias, 1994).

Essa forma de organização de interdependência social gerou conflitos ao longo dos séculos em diversos grupos sociais, especialmente entre aqueles que estavam submetidos à escravidão, como foi o caso da população negra, que lutou para que seus direitos fossem reconhecidos e fundamentados na dignidade humana. Esse processo demandou tempo e esforço, como podemos observar na **Figura 1**:

Figura 1: A história dos direitos étnico-raciais



Fonte: Instituto Mattos Filho (2022).

Como forma de resistência à escravidão e de afirmação de liberdade, os quilombos surgiram como espaços de proteção, organização social e luta coletiva. Mesmo após a abolição formal da escravidão, essas comunidades continuaram enfrentando diversas formas de exclusão e violência, permanecendo em constante luta pelo reconhecimento de seus direitos. Embora tenham contado com o apoio de movimentos sociais, clubes abolicionistas e, pontualmente, com representações em algumas instituições oficiais, os direitos fundamentais reivindicados pelos quilombolas nem sempre foram assegurados pelo Estado brasileiro.

Reis (2008), ao analisar a dinâmica da escravidão na Bahia no período da chegada da família real em 1808, destaca aspectos como a confiança, a firmeza e o controle sobre os escravizados. Em sua pesquisa, o autor relata, por meio das observações de um valete da corte, episódios em que grupos de pessoas escravizadas escapavam de seus senhores e buscavam refúgio entre os seus, organizando formas autônomas de vida em comunidades quilombolas. Esses relatos

evidenciam a determinação e a capacidade de resistência dessas populações, que buscavam, mesmo sob extrema opressão, criar alternativas de sobrevivência baseadas na solidariedade e na autonomia.

Os escravos nesta cidade não tinham sujeição alguma, em consequência de ordens ou providências do Governo; juntavam-se quando e aonde queriam, dançavam e cantavam os dissonoros batuques por toda a cidade a toda hora; nos arraiais e festas eram eles sós os que se assenhoreavam do terreno, interrompendo quaisquer outros toques ou cantos; odiavam o senhor que os oprimia, até ameaçando-os com a morte, congregando-se em casebres aonde ocultavam Escravas novas de que gozavam impunemente: consistia geralmente a escravidão em retribuírem diariamente a seus senhores com oito até doze vinténs, procurando livremente os meios de os haverem; e aqueles que os próprios senhores empregavam em seus serviços de dia tinham de noite plena liberdade para os divertimentos e ajuntamentos que lhe agradassem” (Reis, 2008, p. 114).

É desse período que nascem os primeiros mocambos que se fortalecerão e tornar-se-ão grandes quilombos. As primeiras comunidades quilombolas surgiram em ainda no século XVI, com fuga de africanos das fazendas que reuniram-se em grupos com o propósito de não voltarem para o cativeiro e viverem dos mesmos valores e objetivos.

Rê (2022) afirma que as dificuldades para a inserção socioeconômica dos negros, que tinham que enfrentar não só uma estrutura política e legal desfavorável, mas também um ambiente social de discriminação racial e preconceito, são marcas características do racismo, e que essa inserção social ainda não está, em pleno século XXI totalmente configurada porque o racismo estrutural ainda predomina, mesmo que de forma velada.

Fleischer (2021) afirma que segundo a Fundação Interamericana (IAF), órgão do governo americano, em 2020 existiam aproximadamente 6.000 comunidades quilombolas em 24 dos 27 estados brasileiros. O agrupamento de afrodescendentes no Brasil tornaram-se comunidades em busca da organização social e política, no intuito de promover uma identidade e cultura própria. Falcão (2017) observa que a identidade cultural do negro brasileiro é sua principal arma de luta contra tudo o que a sociedade sempre lhe impôs de negativo, e que as marcas de sua ancestralidade estão presentes nas festividades locais.

2 CAPÍTULO I: OS CAMINHOS DA PESQUISA LEVAM AO SÍTIO ARAÇÁ

A presente pesquisa buscou investigar as formas de cultura, expressão e resistência da comunidade quilombola do Sítio Araçá, localizada na cidade de Afrânio, estado de Pernambuco, onde se justifica este estudo pela importância de compreender os aspectos da cultura promovida naquele território, bem como, colaborar para que outros entendimentos sobre o processo de construção da identidade local, seu contexto histórico e seu envolvimento com o município onde o território está inserido sejam construídos e visibilizados.

O objetivo desta pesquisa bibliográfica é ampliar os conhecimentos históricos e sociais a respeito da cultura de resistência promovida pela comunidade quilombola do Sítio Araçá, visando compreender sua trajetória histórica, geográfica e social. No propósito de alcançar tal objetivo delineamos os seguintes objetivos específicos: (i) Investigar como tem se constituído especificamente a população quilombola do Sítio Araçá; (ii) Conhecer as políticas públicas que colaboram com a comunidade; (iii) Reconhecer nas obras analisadas como comunidade desenvolveu organização política e cultural do grupo, no intuito de manter a união.

O trabalho situa-se como uma abordagem bibliográfica e documental, de caráter qualitativo, baseada na análise de produções acadêmicas relativas a esta temática.

A escolha desse tema se justifica pela importância de valorizar e dar visibilidade à história e às vivências dessa comunidade, que, mesmo após a abolição da escravidão, continua lutando por seus direitos, por reconhecimento e por melhores condições de vida. Estudar o Sítio Araçá é uma forma de entender como a cultura quilombola se mantém viva e se transforma ao longo do tempo, contribuindo para a identidade e a história local.

Além disso, como estudante do curso de Licenciatura em História, esta pesquisa representa uma oportunidade de unir o conhecimento acadêmico com a prática educativa. A investigação sobre temas como a cultura afro-brasileira e quilombola está diretamente ligada às Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

2.1 CONCEITUANDO COMUNIDADE QUILOMBOLA

A Constituição Federal de 1988, com base no artigo 68 dos Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), declara que os remanescentes das comunidades dos quilombos ocupando suas terras, deve ser reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. Sabe-se que as mobilizações dos movimentos étnico-raciais, em particular, o movimento negro garantiram esse tipo de conquista, todavia, é de conhecimento nacional que as demarcações dos territórios quilombolas vivem também sobre a ameaça da propagação comerciária como o agronegócio, indústrias e outras atividades que acabam por expulsar comunidades de uma terra que seria sua por direito.

O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) define quilombo como:

O termo quilombo é uma categoria jurídica usada pelo Estado brasileiro a partir da Promulgação da Constituição Federal de 1988, visando assegurar a propriedade definitiva às comunidades negras rurais dotadas de uma trajetória histórica própria e relações territoriais específicas, bem como ancestralidade negra relacionada com o período escravocrata. Nesse sentido, há outras terminologias para o termo quilombo, como Terras de Preto, Terras de Santo, Mocambo, Terra de Pobre, entre outros (INCRA, 2017, p.04).

De acordo com o IBGE (2024) estima-se que em 2019 existiam 5.972 localidades quilombolas no Brasil, e entre estes 404 são territórios oficialmente reconhecidos, 2.308 são denominados agrupamentos quilombolas e 3.260 são identificados como outras localidades quilombolas. Entre os agrupamentos, 709 estão localizados dentro dos territórios quilombolas oficialmente delimitados e 1.599 estão fora dessas terras.

Ainda segundo o Censo de 2022, o Estado de Pernambuco concentra um população quilombola de 78.827 pessoas, sendo o quinto estado em concentração no país. Ao especificar a comunidade quilombola, o INCRA (2017) ressalta o art.2º do Decreto nº 4.887/2003, como grupo étnico-raciais, de acordo como os critérios estabelecidos de autoatribuição, com base na trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Nisso, para ser um quilombola se faz necessário sentir-se pertencente a uma comunidade, identificando seus valores e

costumes, bem como apresentar uma ligação territorial, vivendo em compartilhamento com outros da mesma união identitária.

Em definições necessárias para ser pertencente a comunidade quilombola, o INCRA (2017) descreve que:

precisa ter a presunção da ancestralidade negra, mesmo que alguns membros incluídos ao grupo ao longo de sua história apresentem outras ancestralidades, e apresentar um histórico de resistência coletiva a opressão sofrida, desde o período escravagista até a atualidade, uma vez que tal opressão não deixou de ser operante nos dias atuais, tanto da parte da sociedade como do Estado (INCRA, 2017, p. 5)

Também precisa ter vínculo histórico próprio, apresentando características sociológicas comuns, seja no parentesco ou na organização social, nas atividades produtivas e reprodutivas. São características comuns como essas que quando presentes em um agrupamento de pessoas qualquer os tornam uma comunidade.

Ao apresentar relações territoriais específicas, na medida em que é o território e o vínculo específico dos membros da comunidade, esse se constitui no fato social ao lado de outras características comuns. Deve-se ressaltar que a identidade quilombola possui uma interdependência também de fatores individuais e coletivos, no primeiro o sujeito deve sentir consciente de fazer parte de um grupo, reconhecer-se como quilombola. Para o coletivo esse indivíduo deve ser aceito pela comunidade como integrante, deve ser aprovado por meios de critérios de pertencimento do grupo estabelecidos de forma coletiva. Para que assim possa obter sua identidade étnica oficializada.

Todavia, no que corresponde aos apontamentos dos estudos analisados, é importante frisar a respeito da dificuldade que até mesmo alguns quilombolas apresentam em definir a temática da autoidentificação e aceitação em ser quilombola. Para a liderança quilombola da comunidade de Boa Vista em Afrânio/PE, a senhora Edna da Paixão dos Santos, que também é parte do Coletivo de Mulheres da CONAQ, uma das maiores fragilidades está no fato de mesmo morando em território próprio, tentando manter viva as memórias repassadas pelos antepassados e vivenciando a cultura local, é difícil a construção da identidade, isso por causa do preconceito que existe fora da comunidade.

Santos (2024) destaca que a negação histórica da existência dos povos quilombolas não foi acidental, mas sim parte de um processo sistemático e

intencional, construído ao longo de mais de cinco séculos. Essa negação deixou marcas profundas, gerando dores e consequências que ainda hoje são sentidas pelas comunidades. A partir dessa perspectiva, compreende-se que a titulação legal do território quilombola é um passo importante para o reconhecimento da identidade coletiva, mas não é suficiente por si só.

A identidade quilombola vai além do registro oficial: ela está profundamente ligada à vivência cotidiana, à preservação da cultura, à valorização dos antepassados e à continuidade das lutas por direitos. Assim, o pertencimento a um quilombo se constrói na prática social e na memória compartilhada, sendo a autoidentificação um ato político e cultural que envolve toda a comunidade.

3 CAPÍTULO II: PERCURSOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico e documental a respeito das comunidades quilombolas do município de Afrânio-PE, objetivando analisar perspectivas investigativas e descritivas no que corresponde ao objeto de estudo. Este tipo de estudo é de suma importância devido a verificação e aprofundamento de trabalhos já pesquisados, objetivando responder a problemática e comprovar possíveis hipóteses necessárias para aquisição do conhecimento a respeito do assunto estudo. Com base na abordagem qualitativa defendida por Brandão (2001)

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001, p.13).

Sendo assim, a seleção correspondeu a investigação de trabalhos acadêmicos e publicações que envolvessem a problemática e a comunidade específica em estudo. Em sequência seriam analisados a partir das ideias de cada obra que pudessem contribuir para o encaminhamento do problema proposto na pesquisa e para os objetivos apresentados; possíveis contribuições sobre o conhecimento da comunidade estudada e conclusões apresentadas.

Do levantamento específico de obras que tratam da temática “comunidades quilombolas do município de Afrânio/PE”, nada foi encontrado nas plataformas de depósito acadêmico como o Google Acadêmico, a BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) ou no Banco de Teses e Dissertações Capes. Em uma busca intensiva em *site* de pesquisa como o Google foram encontrados publicações específicas que tratavam das comunidades quilombolas da cidade, e em especial da Comunidade do Sítio Araçá que fizeram parte do levantamento bibliográfico e documental, como pode-se observar no **Quadro 1**, abaixo:

Quadro 1 – Documentos analisados sobre a Comunidade Sítio Araçá

ESTUDO	AUTOR	TÍTULO	ANO	TIPO	PUBLICAÇÃO
01	GOMES, Romana de Fátima Macedo	Vozes no silêncio: Um Estudo sobre a Identidade e a Memória de Quilombo, na Perspectiva do Letramento (Sítio Boa Vista - Afrânio/PE).	2017	Dissertação	PPGESA/UNEB - Programa de pós-graduação em educação, cultura e territórios semiáridos
02	CAMPELO, Rumana Mendes	Os direitos constitucionais: Um estudo da comunidade quilomboia do Sítio Araçá em Afrânio/PE.	2022	Dissertação	PPGEXR – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural - UNIVASF
03	FARIAS, Enos André de; SANTOS, Maria Herbenia Lima Cruz; SANTOS, Emanuel Ernesto Fernandes; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de; ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de.	TECNOLOGIAS SOCIAIS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO ARAÇÁ: itinerário histórico de uma comunidade tradicional no Semiárido brasileiro.	2023	Artigo Científico	Revista Ecologias Humanas – Sociedade Brasileira de Ecologia Humana. Vol 8, N° 09

Fonte: Autoria própria (2024).

Das três pesquisas acima descritas a última, publicada em revista especializada em discussão acadêmica sobre Ecologia Humana, resultou na aprovação como projeto de doutoramento, onde o pesquisador Enos André de Farias, está sistematizando o conhecimento com a comunidade através da pesquisa de cunho etnográfico.

4 CAPÍTULO III: O QUILOMBO SÍTIO ARAÇÁ

O Quilombo Sítio Araçá, localizado na cidade de Afrânio/PE, em uma região do semiárido brasileiro, e com predominância do bioma Caatinga, foi certificado como Comunidade Remanescente de Quilombo pela Portaria nº 104/2014, de 24/09/2014, pela Fundação Cultural Palmares. O Quilombo do Araçá faz parte de um conjunto de cinco comunidades de remanescentes de quilombos em processo de reconhecimento e certificação pela Fundação Palmares, formada pelos sítios: Araçá, Boa Vista, Baixa do Caldeirão, Lagoa Comprida e Pau D'arco.

Seguindo a ordem de certificação da FCP (Fundação Cultural Palmares), a primeira comunidade quilombo reconhecida foi o Sítio Baixa do Caldeirão; a segunda comunidade foi o Sítio Boa Vista e a terceira foi a comunidade do Sítio Araçá. De acordo com a Coordenação Estadual de Articulação das Comunidades Quilombolas de Pernambuco (CEACQ), há 196 territórios quilombolas em todo o estado de Pernambuco e uma população de aproximadamente 250 mil pessoas.

Campelo (2022) relata que a Guerra de Canudos ocorrida no estado da Bahia, foi uma das causas que deu início à formação da comunidade quilombola do Sítio Araçá. Os primeiros negros refugiados da guerra buscaram refúgio nas matas como forma de sobrevivência; no território onde hoje está localizado, instalou-se o Senhor Raimundo Martins, um dos sobreviventes do massacre ocorrido na Bahia entre 1896 a 1897, sendo o precursor da comunidade.

Em suas narrativas Campelo (2022) detalhou que após meses refugiado nas matas, Raimundo Martins foi acolhido por um fazendeiro que lhe deu trabalho, todavia abrigava-se sempre embaixo de uma grande árvore da região chamada Araçá, que tem como significado “planta que tem olhos”, originário do tupi-guarani, em alusão às suas sépalas, que dão a aparência de um olho no fruto, como demonstrado na figura 2, abaixo:

Figura 2: Árvore Araçá



Fonte: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/flora/fotos/2015/01/araca.html#F1437965>

Com o tempo, as pessoas o batizaram com o nome da planta e, por sua vez, construiu uma cabana, morou ali, conheceu uma mulher chamada Flauzina e iniciou o povoamento da comunidade.

No que concerne à fonte de renda, a comunidade ainda depende da agricultura familiar, além da busca por melhores condições em outras cidades de grande porte, como acontece com membros que saem de suas casas durante a semana para trabalharem no projeto irrigado em Petrolina/PE. Alguns retornam aos seus lares nos finais de semana e outros quinzenalmente.

A esse respeito Oliveira (2014) corrobora que o êxodo de parte da população faz com que as famílias abandonem sua cultura, identidade e territorialidade em busca de trabalho fora. Falta terra para plantar e produzir seus alimentos.

Macedo Gomes (2017) aponta que a memória dos quilombolas da comunidade do Sítio Boa Vista não é fixa, elas foram construídas, discursivamente, sendo apropriados como instrumentos simbólicos para reivindicar direitos e transformar estruturas sociais injustas.

Em uma entrevista Santos, Edna Paixão dos (2014) a Coordenadora da Executiva Nacional da CONAQ (Coordenação Nacional das Comunidades Negras Rurais Quilombolas) e da Comunidade quilombola de Afrânio, fala ao Portal Voz do São Francisco, afirma que:

As mulheres quilombolas de nossa comunidade estão organizadas na forma de cultura, na forma de produção, a grande maioria é plantadora de hortaliças que abastecem o comércio local, e a gente tem feito esse trabalho de identificação, de luta, de fortalecimento e resgate da cidadania das mulheres quilombolas e isso têm dado muito certo, as mulheres estão se empoderando e ocupando os espaços de debates e decisões” (Santos, 2024).

As três comunidades quilombolas de acordo como a empresa Econodata possuem razão social registrada como meio para exercer suas atividades no propósito de manter a comunidade ativa e se diferenciar das demais, sendo denominadas respectivamente como: Associação Remanescente de Quilombo do Sítio Baixa do Caldeirão, Associação Remanescente de Quilombo do Sítio Araçá e Associação Remanescente de Quilombo do Sítio Boa Vista.

Em início a análise das especificidades da Comunidade Quilombola do Sítio Araçá, observa-se apontamentos em relação às condições de trabalho e atividades econômicas que levam à permanência ou ao êxodo do território. Nota-se por meio das produções que ambas enfatizam a questão da mudança como forma de refúgio, principalmente para os jovens e provedores familiares, com o intuito de manter sua subsistência, como são citadas nas produções:

[...] Apesar de possuírem os títulos de suas propriedades, não existem condições propícias ao desenvolvimento da comunidade, que é estruturada em minifúndios. Essa composição ocasiona o êxodo da nova geração, que busca alternativas de vida em outros espaços. Assim, um dos objetivos almejados pela associação do quilombo é a expansão de seu território (Gomes, 2017, p. 62).

Ainda segundo Campelo (2022):

A principal fonte de renda provém da agricultura familiar e de programas de transferência de renda do governo federal. Desta forma, percebe-se que as comunidades existentes nessa localidade necessitam de mais incentivos governamentais para a sobrevivência em seus territórios (Campelo, 2022, p. 31).

Para Farias et al (2023) o papel das mulheres na Comunidade sempre foi de suma importância, e que muitas delas iam morar em Afrânio/PE para concluir seus estudos, morando em casas de família e acabavam trabalhando para essas famílias:

Muitas mulheres em idade escolar vinham morar de favor em casas de outras famílias na sede do município para poderem estudar. Em troca, trabalhavam nessas casas e seguiam as exigências e rotinas

das mesmas, sem receber salários e com o turno noturno para realizar seus estudos. A condição econômica estava entre os fatores preponderantes de segregação (Farias et al., 2023, p.109).

Observa-se nos olhares dos pesquisadores acima, três pontos fundamentais que chamam atenção e se transformam em desafios a serem superados quanto à identidade quilombola, pois afastam os membros que poderiam fortalecer a luta coletiva: a necessidade de deixar o espaço para trabalhar, a condição econômica que levou muitas mulheres para o trabalho na casa de famílias e a falta de perspectiva governamental no conjunto de ações públicas.

Os relatos dos quilombolas mais velhos focam nas memórias da escravidão — sejam referências vindas de ancestrais ou através da experiência como trabalhadores braçais. Já a juventude, influenciada pelo letramento escolar, adota um discurso da pertença étnica mais formalizado e institucionalizado (Macedo 2017)

Essas questões levam os jovens a se afastarem de suas culturas na esperança de um futuro mais promissor, que nem sempre chega; as famílias passam a depender cada vez mais da ajuda governamental através dos benefícios sociais, para manutenção das despesas, o que se sabe que não é suficiente; e há a exploração de jovens que buscam no trabalho doméstico uma fonte de renda e uma possibilidade de convívio na zona urbana.

Ainda a esse respeito é importante citar que diversos fatores são responsáveis por essa mudança de território, como a falta de abastecimento de água, onde muitas famílias sentem a necessidade de comprá-la para sobrevivência; a falta de condicionamento de empreendimento que possa manter a comunidade; falta de políticas públicas que apoiem as comunidades. Isto posto, é cada vez mais preocupante que o êxodo rural possa diminuir cada dia mais as comunidades quilombolas.

Em suas afirmações, o estudo 03 de Farias *et al.*, (2023, p.110) afirma que “[...]nesses espaços a falta de água e as incertezas, acabam levando famílias inteiras a migração para projetos de irrigação em Petrolina/PE, ou mesmo de forma sazonal somente os homens, para o trabalho na colheita de manga, acerola e maracujá, ou mesmo o corte da cana-de-açúcar, em Juazeiro/BA”. E o estudo 01, Gomes (2017, p. 90) corrobora que “[...] o êxodo rural vivenciado por jovens quilombolas do Sítio Boa Vista na atualidade, os quais partem para a cidade grande em busca de oferta de trabalho e de melhores condições de vida”.

Em sua pesquisa, o estudo 02 cita por diversas vezes, fatores como estes que são cada vez mais comuns na Comunidade do Sítio Araçá como pode-se analisar abaixo, “as dificuldades para sobreviver das famílias da comunidade são inúmeras, no entanto, uma alternativa é o deslocamento para área com Projetos de Irrigação que se localizam na vizinhança, em busca de renda no trabalho nas áreas irrigadas (Campelo, 2022, p. 25).

A Comunidade do Sítio Araçá mantém uma dimensão territorial importante, de terras onde as famílias produzem bastante para desenvolver a agricultura familiar. No entanto, a insuficiência de recursos para investir na terra leva o deslocamento de muitos dos quilombolas, na maioria masculina, em busca de oportunidade de renda com a venda de sua força de trabalho, como afirma Campelo (2022, p. 51), “a desigualdade entre as classes é um fator agravante que se intensifica na comunidade quilombola, onde a luta para sobreviver da população os direciona a necessidade em sair de casa, para manter a sobrevivência dos que ficam permitindo o vai e vem desses homens na comunidade.”

Nota-se no olhar de Campelo (2022) a carência que assola a comunidade. Apesar de possuírem hectares consideráveis, não há uma possibilidade financeira para investimento; não se consegue comprar maquinário para as lavouras e muito menos água. Uma região localizada no sertão do semiárido sofre constantemente com a seca e não há abastecimento regular, nem para a comunidade e muito menos para a cidade, o que é insuficiente para aumentar a produção da agricultura familiar. O êxodo rural aqui é citado mais uma vez como uma das maiores causas para o afastamento de membros familiares, o que pode contribuir consideravelmente para o afastamento do vínculo e da autoidentificação com a comunidade quilombola.

No que concerne às formas de resistência em manter a cultura, a economia e a comunidade como um todo, o Sítio Araçá, de acordo com o estudo 2, possui mais de quatrocentas famílias com características de organização própria, fazendo uso da ocupação de seus territórios no propósito de desenvolver sua reprodução cultural, econômica, ancestral e religiosa por meio de recursos naturais, como é o caso da agricultura familiar. Todavia, sabe-se que, assim como uma grande maioria, alguns benefícios, como é o caso do Programa Bolsa Família do Governo Federal, tem contribuído também como fonte de sobrevivência para algumas famílias.

Ainda a respeito dos movimentos de resistência cultural, as festividades permanecem como patrimônio da comunidade e propagador da cultura local.

O estudo 03, afirma que:

Na comunidade do Araçá as festividades atraíam pessoas de várias localidades, pela alegria e disposição daquela gente. Nisso, a comunidade criou para si uma identidade própria de significados. Essa identidade festiva nem sempre é conseguida quando se busca engajamento reivindicatório nas ações voltadas para a efetivação do reconhecimento como Comunidade Étnico-Quilombola (Farias *et al.*, 2023, p.110).

Infelizmente, comemorações como estas ainda permanecem esquecidas por uma parte da sociedade, em especial na cidade de Afrânio-PE, onde fica a comunidade quilombola em estudo. São artes culturais vivenciadas de forma familiar e entre a própria comunidade, sem nenhuma espécie de incentivo ou divulgação, seja esta pela região ou pelas autoridades locais. O que é uma pena, uma vez que a identidade cultural vai se perdendo dentro do seu próprio círculo. Dentre as festividades mantidas na comunidade e pela Comunidade do Sítio Araçá, o estudo 1, o samba de roda, como observado na figura 3:

Figura 3: Samba de roda do sítio Boa Vista



Fonte: Documentário Samba de Roda – Grupo Quilombola do Sítio Boa Vista – Afrânio/PE, 2024.

Segundo observa Gomes (2017, p. 121):

O samba de roda no Sítio Boa Vista, [...], tem, em seu conteúdo, alusão a elementos integrantes de seu cotidiano, como as relações familiares, a convivência com animais de pequeno porte e a realização de trabalhos braçais, executados sem as condições estruturais e materiais necessárias, desde a mais tenra idade.

Ainda pontua Gomes (2017, p. 122) que “moradores do Sítio Boa Vista

integram o grupo de reisado de matriz africana do quilombo da Lagoa Comprida - este ainda não certificado”. Na figura 4 observa-se o Reisado de Lagoa Comprida:

Figura 4: Reisado Sítio Lago Comprida



Fonte: Moises Almeida (2019)

Outra manifestação cultural vivenciada no Sítio Araçá são as Rodas de São Gonçalo, de origem portuguesa, difundiu-se no nordeste brasileiro, após ter-se inserido na cultura deste país a partir do século XVIII. No Araçá são realizadas em cumprimento a uma promessa ao Santo da devoção, após a obtenção da graça, com a execução diversificada de coreografia a depender do lugar onde acontece, de rezas e de oferta gratuita de refeições aos presentes, configurando-se, pois, como uma manifestação lúdico-religiosa e apresentando-se, na maioria das vezes, com caráter popular e rural, como mostrado na **Figura 5**:

Figura 5: Roda de São Gonçalo



Fonte: Hellena Batista (2024)

A **figura 5** são meramente ilustrativas, apresenta as **figuras 3 e 4** correspondem as observações, primeiro da gravação do documentário “Samba de Roda – Grupo Quilombola do Sítio Boa Vista – Afrânio/PE”, produzido em 2024 por iniciativa da Lei Paulo Gustavo. Já a figura 5 é de 2019, e corresponde ao Reisado que é vivenciado na Comunidade do Sítio Lagoa Comprida, onde conta com a participação de membros de outras comunidades quilombolas, como a do Sítio Araçá e Boa Vista. As comunidades se apoiam e ao participarem de eventos culturais acabam por manter viva suas tradições e raízes.

São em eventos como estes, como a Roda de São Gonçalo, Samba de Roda e Reisado, que os quilombolas reforçam seus laços ancestrais e sociais, podendo ser reconhecidos como formas de resistência e emancipação social de seus grupos. Dentre estes, uma das festas mais propagada na cidade, em especial nas zonas rurais, sejam estas comunidades quilombolas ou não, é o São Gonçalo, devido a ser um evento que pode durar mais de um dia e ocasionando em grandes quantidades de comida, patrocinada por quem solicitou religiosamente a sua execução. As demais festas ainda permanecem pouco divulgadas e sem data reconhecida pelos demais moradores da cidade.

Na Comunidade Sítio Boa Vista, a vivência das práticas culturais está imbricada à memória dos ancestrais, à vida comunitária, concretizada na partilha de símbolos, da sementeira e da colheita, das tradições (Gomes, 2017). Em referência a cultura de subsistência, as mulheres quilombolas do Sítio Araçá, auxiliam na agricultura familiar como uma das fontes de renda, artesanatos, remédios caseiros e populares na cidade e uma parte são trancistas e além de desenvolverem a arte também promovem cursos para que tem interesse.

Figura 6: Trançadeira Afro



Fonte: Google Fotos, 2024.

Segundo o estudo 01, [...] “atuação das mulheres na preservação da cultura e da memória africana, proferindo rezas, produzindo o alimento, contando histórias, dançando e entoando cantigas, executando trabalhos agrícolas, cuidando de sua prole, percebeu-se a sua valiosa contribuição na luta pela garantia dos direitos quilombolas”. (Gomes, 2017, p.96). Por fim, o estudo 03, afirma que “as Comunidades Quilombolas do Araçá assim como outras comunidades, lutam não só pelo reconhecimento, mas pela inserção de políticas públicas voltadas para a convivência com o Semiárido” (Farias *et al.*, 2023, p.110).

Contudo, é esperado que a importância cultural e histórica também seja reconhecida pelos jovens e demais membros do município, e que as tradições possam ser mantidas de geração a geração. Apesar da mudança religiosa ter afetado muitas famílias na comunidade do Sítio Araçá, algumas delas passaram a seguir a religião evangélica e não comungam de danças herdadas da cultura africana, que é berço dos quilombos. Ressalta-se que algumas lideranças da comunidade ainda buscam manter a união e a tradição, buscando de forma incessante por direitos de seu povo perante as políticas públicas e autoridades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo, foi possível perceber que ainda existem poucas produções acadêmicas voltadas especificamente para as comunidades quilombolas do município de Afrânio, em Pernambuco. No entanto, observa-se o expressivo crescimento do interesse de pesquisadores em compreender a cultura, as tradições e a história dessas comunidades, revelando uma valorização crescente da vivência quilombola no território.

Nesse contexto, destaca-se que toda produção do conhecimento está inserida em um tempo e em condições específicas. As obras de Gomes (2017) e Campelo (2022), por exemplo, se basearam em experiências de contato direto com a comunidade, enquanto o trabalho de Farias (2023) aprofundou-se em uma abordagem bibliográfica e documental sobre o Sítio Araçá. Juntas, essas produções contribuíram para a ampliação dos conhecimentos históricos e sociais sobre a cultura de resistência desenvolvida pela comunidade, evidenciando aspectos importantes de sua trajetória histórica, geográfica, social e cultural.

Isto posto, foi possível reconhecer que o êxodo rural ainda é um dos fatores sociais e econômicos que distanciam os moradores de suas comunidades, fazendo com que estes busquem melhores condições de vida para suas famílias em outras cidades, especialmente os jovens, que, na maioria das vezes, nem retornam para a comunidade porque veem a mudança como uma nova oportunidade de morar em cidades grandes como Petrolina, cidade que abriga um dos maiores projetos irrigados da região, representando uma das esperanças para uma melhoria financeira.

Como fonte econômica, a comunidade mantém a agricultura familiar e venda de remédios caseiros como geração de renda extra, além da ajuda financeira de bolsas do governo federal. Além disso, buscam manter a resistência e a propagação da cultura da comunidade com cursos, rezas (oração das rezadeiras) e festividades.

Concluiu-se, portanto, que a comunidade quilombola do Sítio Araçá, apesar de sua titulação reconhecida e de sua vasta marcação territorial, vem enfrentando situações que podem comprometer a sua autorrepresentação. Uma dessas situações é a atual condição de autoidentificação dos jovens, que ainda são obrigados a se retirar da comunidade para poderem se inserir no mercado de trabalho.

Além disso, eles não parecem se envolver em situações que promovam o enquadramento quilomba, seja por questões religiosas ou pelo afastamento da vivência cultural de sua região, o que muitas vezes reflete na problemática da identidade. É visível que a maioria da comunidade ainda se enquadra em padrões sociais vulneráveis, sendo beneficiada por programas sociais que aliviam um pouco a escassez de renda. Outro fator bastante peculiar da região é falta de água, que prejudica o comprometimento com a agricultura familiar e, conseqüentemente, uma das principais atividades econômicas do quilombo.

A pesquisa realizada permitiu constatar que a comunidade quilombola do Sítio Araçá continua em permanente luta por reconhecimento e valorização. Lideranças locais e membros mais velhos têm atuado de forma ativa em eventos e ações coletivas voltadas à defesa dos direitos das comunidades quilombolas em âmbito nacional, reforçando seu compromisso com a preservação cultural e com o fortalecimento político do grupo. Entretanto, percebe-se certa fragilidade no envolvimento dos jovens com suas origens, o que evidencia a importância de ações voltadas ao fortalecimento do sentimento de pertencimento entre as novas gerações.

Apesar dos desafios, a comunidade se mantém resiliente, buscando meios de promover sua história e cultura, ao mesmo tempo em que reafirma a união como estratégia de resistência e desenvolvimento local. Esse cenário reforça a relevância de estudos que articulem ensino e pesquisa no campo da História, sobretudo no contexto da formação docente. O contato com a realidade de comunidades como o Sítio Araçá contribui para ampliar a compreensão sobre a importância de práticas educativas comprometidas com a justiça social.

A pesquisa dialoga diretamente com os objetivos das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, que estabelecem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, e evidencia a necessidade de formar profissionais da educação capazes de promover abordagens que valorizem os saberes e trajetórias de grupos historicamente excluídos. Assim, o estudo reafirma o papel da História como ferramenta de transformação social e de fortalecimento das identidades coletivas.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.
- BRASIL. Supremo Tribunal Federl. **Artigo 68**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=AD&abrirArtigo=68#:~:text=Art.&text=DISPOSI%C3%87%C3%95ES%20CONSTITUCIONAIS%20TRANSIT%C3%93RIAS-,Art.,emitir%20Ihes%20os%20t%C3%ADtulos%20respectivos>. Acesso em 19 Mar. 2024.
- CAMPELO, Rumana Mendes. **Os direitos constitucionais**: Um estudo da comunidade quilombola do Sítio Araçá em Afrânio/PE. Dissertação (Mestrado em extensão rural e desenvolvimento) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro, 2022. Disponível em: <http://www.pgextensaorural.univasf.edu.br/index.php/dissertacoes-2021/>Acesso em: 24 abr. 2024.
- COSTA; André Oliveira. ENDO; Paulo César. Corpo, transmissão e processo civilizador: Sigmund Freud e Norbert Elias. Artigos temáticos. **Revista Trivium** – Estudos interdisciplinares, vol.6 no.2 Rio de Janeiro jul./dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000200004#:~:text=O%20processo%20civilizador%20%C3%A9%20a,sob%20a%20forma%20de%20autocontrole. Acesso 24 abr. 2024.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. 2 vols. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 584 p.
- FALCÃO, Teddy. A cultura como ferramenta de resistência negra no Brasil. Geledés Instituto da mulher negra. **Portal Geledés**. São Paulo, 30 nov. 2017. Disponível em: https://www.geledes.org.br/cultura-como-ferramenta-de-resistencia-negra-no-brasil/?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwzN-vBhAkEiwAYiO7oF1Ro_InpDpEZVJRHdT4H8O9irPYDaCcCBh4ej99W9X_UoMGF2GxuhocDTAQAvD_BwE. Acesso em 18 mar. 2024.
- FARIAS, Enos André de. et al. Tecnologias sociais na comunidade quilombola doAraçá: itinerário histórico de uma comunidade tradicional no Semiárido brasileiro. **Revista SABEH**, v. 8, nº 9, 2022. Disponível em: https://www.sabeh.org.br/book/revista-ecologias-humanas-vol-8-no-9-2022/?grid_referrer=49. Acesso em 04 mai. 2024.
- FLEISCHER, David. **Fazendo seu próprio caminho: as comunidades quilombolas do Brasil**. Inter- American Foundation, 26 fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.iaf.gov/pt/content/historia/making-their-own-way-brazils-quilombola-communities/#:~:text=As%20comunidades%20quilombolas%20do%20Brasil%20tiveram%20in%C3%ADcio%20na%20metade%20de,longe%20das%20fazendas%20de%20monocultura>. Acesso em 24 abr. 2024.

GOMES, Romana de Fátima Macedo. *Vozes no silêncio: Um Estudo sobre a Identidade e a Memória de Quilombo, na Perspectiva do Letramento (Sítio Boa Vista - Afrânio/PE)*. 2017. **Dissertação** (Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos) - Universidade do Estado da Bahia. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5042664 . Acesso em: 01 jul. 2024.

IBGE – Instituto brasileiro de geografia e estatística . **Quilombolas no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: [https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20que%20se%20considera,de%20localidades%20ind%C3%ADgenas%20\(827\)](https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html#:~:text=A%20popula%C3%A7%C3%A3o%20que%20se%20considera,de%20localidades%20ind%C3%ADgenas%20(827)). Acesso em: 19 Mar. 2024.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Regularização do Território Quilombola**. Brasília, 2017. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/perguntas_respostas.pdf. Acesso em: 19 Mar. 2024.

OLIVEIRA, Ilka. **Comunidades quilombolas: cultura é forte expressão de povos em luta pela posse definitiva da terra**. ASA- Articulação do Semi Brasileiro, 19-11-2014. Disponível em: https://www.asabrasil.org.br/noticias?artigo_id=6976 Acesso em: 19 Mar. 2024.

RÊ, Eduardo. e *et al.* **A história dos direitos étnico-raciais**. Instituto Mattos Filho. Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/equidade/historia-dos-direitos-etnico-raciais/> Acesso em 18. Mar. 2024.

RIBEIRO, Djamila. Prefácio à edição brasileira. In: **Mulheres, raça e classe**- Angela Davis. tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2016. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/http://piape.prograd.ufsc.br/files/2020/07/Angela-Davis-Mulheres-ra%C3%A7a-e-classe-Boitempo.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.